

Resgatando memórias: O GETERR e nossas experiências na pesquisa, ensino e extensão

Luiz Carlos Flávio¹

Resumo: Neste artigo nós descrevemos uma síntese de nossa trajetória de inserção no Grupo de Estudos Territoriais (GETERR). A inserção neste grupo de estudos contribuiu de forma substancial para nossa formação qualitativa em termos de aprofundamento teórico e metodológico quanto ao conceito de território e sua vinculação com as práticas territoriais. Relatamos um pouco dessa trajetória apresentando nossa imersão nas ações de pesquisa, de ensino e de extensão universitária, cujo tripé consideramos fundamental para uma prática e uma práxis docente que busque ser ativa e transformadora da realidade que nos circunda. Além de elencarmos pontos/autores/eventos relacionados à nossa formação embasada numa boa fundamentação teórica para nossa atuação como pesquisador no âmbito do GETERR, também evidenciamos algumas atuações em projetos de ensino (de geografia com poesia) e de extensão: Projeto “Vida no Bairro”; e Projetos: “Resgatando saberes...” e “Resgate de um patrimônio cultural”.

Palavras-chave: Memórias do grupo; Geterr; Ensino, pesquisa e extensão universitária.

Memories of the Territorial Studies Group: our experiences in research, teaching and extension

Abstract: In this article we describe a synthesis of our trajectory of insertion in the Territorial Studies Group (GETERR). Insertion in this study group contributed substantially to our qualitative education in terms of theoretical and methodological deepening regarding the concept of territory and its link with territorial practices. We report a little of this trajectory, presenting our experience in research, teaching and university extension actions, whose tripod we consider fundamental for a teaching practice and praxis that seek to be active and transforming the reality that surrounds us. In addition to listing points/authors/events related to our training based on a good theoretical foundation for our work as a researcher within the scope of GETERR, we also highlight some actions in teaching projects (from geography to poetry) and extension: Project “Vida no Bairro”; and Projects: “Rescuing knowledge...” and “Rescuing a cultural heritage”.

Keywords: Group memories; Geterr; Education, research and university extension.

¹ Professor Associado do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e docente no Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado e doutorado), Campus de Francisco Beltrão. Pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais – Geterr. E-mail: lucaflavio@gmail.com Orcid: <https://0000-0001-6287-1002>

Memorias del Grupo de Estudios Territoriales: nuestras experiências en investigación, docencia y extensión

Resumen: En este artículo describimos una síntesis de nuestra trayectoria de inserción en el Grupo de Estudios Territoriales (GETERR). La inserción en este grupo de estudios contribuyó sustancialmente a nuestra formación cualitativa en cuanto a la profundización teórica y metodológica sobre el concepto de territorio y su vinculación con las prácticas territoriales. Reportamos un poco de esta trayectoria, presentando nuestra inmersión en acciones de investigación, docencia y extensión universitaria, cuyo trípode consideramos fundamental para una práctica y praxis docente que busca ser activa y transformadora de la realidad que nos rodea. Además de enumerar puntos/autores/eventos relacionados con nuestra formación basada en una buena base teórica para nuestro trabajo como investigador en el ámbito de GETERR, también destacamos algunas acciones en proyectos de enseñanza (desde la geografía hasta la poesía) y extensión: Proyecto “Vida en el Barrio”; y Proyectos: “Rescate del conocimiento...” y “Rescate de un patrimonio cultural”.

Palabras clave: Memorias de grupo; Geterr; Docencia, investigación y extensión universitaria.

Introdução

“Recuperar o passado individual e coletivo, por meio da memória como metodologia de análise, configura-se como um dos caminhos possíveis para (...) a redefinição dos projetos que articulam passado, presente e futuro” (SILVA, 2001, p. 102).

Adélia Prado, citada por Dourado (2017, p. 48) diz em um de seus poemas que: “o que a memória ama fica eterno”. Agregando-nos ao poema, cultivamos a ideia de que resgatar nossa história pode ajudar a trazer à luz as obras que construímos.

Resgatar nossa trajetória como pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais (GETERR), situando nosso trabalho em sua relação com nossas ações de ensino e extensão universitária é, certamente, um exercício importante. Tal resgate nos permite refletir sobre os caminhos trilhados, os compromissos abraçados, os percursos (teóricos e práticos) construídos na esteira do tempo. Unir os fios das realizações, através de uma memória histórica, ajuda-nos a costurarmos o “conjunto da obra” edificada no contexto de nossas relações.

Para Ferriollo (2002) as paisagens e obras criadas com nossa participação resguardam uma dimensão ético-política. A produção do espaço humano e de suas paisagens, via transformação da natureza, realização de eventos etc., emerge como fruto da história humana. Esta, por sua vez, é tributária também da elaboração de ideias, teorias e paisagens mentais germinadas a partir das práticas/estudos no percurso da vida edificadas! Para o autor mencionado, o espírito humano molda as paisagens, na história, a partir dos valores e ideias que plasmam na busca de torná-los realizações concretas.

Em primeiro lugar, a nossa participação no Grupo de Estudos Territoriais, desde fins do ano 2002 até o ano presente (2023), contribuiu de modo incisivo para a construção da nossa trajetória, a qual passaremos a resgatar, evidenciando sua importância para adentrarmos e avançarmos em leituras/debates/apresentações/conhecimento de obras/autores que nos ajudaram a irmos estocando ideias/teorias explicativas do mundo, cujo escopo de experiências nos ampara, até hoje, em nossa atuação nas atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária.

Nos itens que compõem este capítulo, descreveremos de modo breve as experiências suscitadas, em grande medida, a partir dos aprendizados vinculados à nossa inserção, durante anos, no GETERR.

A construção dos marcos teórico-metodológicos a partir do Geterr

As atividades do Grupo de Estudos territoriais, nesses 20 anos de existência foram bastante irrigadas pela leitura de importantes autores do pensamento geográfico tais como: Milton Santos (2006): “A Natureza do Espaço”; “Claude Raffestin” (1993; 2009): “Por uma geografia do poder”; e “A produção das estruturas territoriais e sua representação.” Robert Sack (1986): “Human territoriality: its theory and history”; Giuseppe Dematteis (2007a e 2007b): “O território: uma oportunidade para repensar a geografia”; e “Território, desenvolvimento local e sustentabilidade”; Haesbaert (2004): “Des-caminhos e perspectivas do território”, Heidrich (2004): “Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social”, dentre outros. Tais leituras contribuíram substancialmente para os estudos sobre o território na Geografia em geral.

Mas nossos estudos foram também irrigados por autores que nos incitaram a pensar o Sudoeste do Paraná. Estes tinham o intuito de nos emprestar um olhar para a “concretude territorial” local, desvelando suas feições, seus sujeitos, produções, movimentos e lutas.

Nesse mister, autores como Ricardo Abramovay (1981), na obra “*Transformações na vida camponesa: o sudoeste do paranaense*”; Lindomar Wessler Bonetti (1997 e 2005), nas obras: “A exclusão social dos caboclos do sudoeste do Paraná”; e “Formação e apropriação do espaço territorial do sudoeste do Paraná”; João Bosco Feres (s/d), em seu trabalho: “Propriedade da terra: opressão e miséria”, o qual também aborda a formação territorial do Sudoeste do Paraná; Eliseu Savério Sposito (2004), no texto intitulado “Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do Sudoeste do Paraná”. Tais estudos, dentre vários outros, contribuíram bastante em todo o contexto de nossa trajetória de pesquisa.

Os estudos/debates realizados somaram igualmente em grande medida para importantes aprendizados que tivemos também na participação em eventos organizados pelo GETERR. Muitos

desse eventos foram construídos em parceria com grupos de pesquisa da própria Universidade Estadual do Oeste do Paraná ou de outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Dentre os eventos em que o grupo teve atuação destacada, consta a realização dos Seminários de Estudos Territoriais (*SEETS*), cuja primeira edição transcorreu em 2003, chegando à 9ª edição em 2017. No âmbito dos *SEETS* realizados nacionalmente, tivemos muitos e relevantes intercâmbios com estudiosos da Geografia e da sociedade de várias partes do Brasil e de outros países. Neles, pudemos dialogar com personalidades tais como: Claude Raffestin, Giuseppe Demateis, Eliseu Savério Sposito, Rogério Haesbaert, Álvaro Heidrich, Beatriz Ribeiro Soares, Valdir Duarte, dentre outros.

Vale observar também, que tivemos férteis aprendizados igualmente com os ensinamentos derivados das pesquisas realizadas e compartilhadas por nossos amigos pesquisadores integrantes do próprio GETERR, dentre os quais: Marcos Aurélio Saquet (líder do grupo), Adilson Francelino Alves, Roselí Alves dos Santos, Luciano Zanetti Pessoa Candiotto, Beatriz Rodrigues Carrijo, Alexandre Domingues Ribas, Márcio Freitas Eduardo, Ana Rúbia Gagliotto, Luiz Carlos Braga, Aline Motter Schmitz e muitos outros.

Ademais, houve a interação de integrantes do grupo em eventos realizados no exterior. Um deles, do qual participei, foi o “I Workshop Italia-Brasil - Globalizzazione, politiche pubbliche e sviluppo territoriale”, ocorrido no ano 2017 em Bologna, na Itália, onde experimentamos férteis trocas de saberes com pesquisadores de universidades italianas e do Brasil.

Na interação em eventos com pesquisadores estrangeiros, contactamos outros importantes pesquisadores do tema território, tais como Horacio Bozzano, argentino que coordenou as pesquisas registradas no livro: “Inteligência territorial: teoria, métodos e iniciativas em Europa y América Latina” (BOZZANO et al, 2012). Outro evento realizado, (de modo remoto, no contexto da pandemia do coronavírus), em 2021, foi intitulado: “Pesquisa-ação participativa com comunidades populares”. Nele o professor Miguel Antônio Espinosa Rico, pesquisador da Universidad del Tolima, situada na Colômbia, fez uma exposição bastante interessante sobre os projetos de extensão universitária existentes naquela universidade, evidenciando ações que implementam em favor de (e em conjunto com) movimentos populares colombianos.

Vale evidenciar, ainda, que o contato com universos estrangeiros do conhecimento foram absorvidos por nós de várias formas: pela participação em eventos; via troca de saberes, experiências e referências bibliográficas através de ambientes virtuais; ou pela aquisição de livros que pudemos realizar em livrarias de possíveis países visitados por conta de participação em evento organizado em parceria com o GETERR. Em nossa viagem à Itália, acima mencionada, por

exemplo, adquirimos livros bastante relevantes que têm nos ajudado em termos de aporte ao estudo de temas aos quais somos afetos.

Destarte, de várias formas, o percurso de nossa imersão em atividades de pesquisa do GETERR nos trouxe importantes fundamentos teóricos e metodológicos para compreendermos melhor a ciência geográfica e seu papel na transformação das realidades/paisagens a partir das especificidades territoriais que marcam a produção do espaço em diferentes lugares/territórios/regiões, tais como o Sudoeste do Paraná.

A ideia que balizou, em geral, a formação do GETERR foi a de produzirmos fundamentos teórico-metodológicos para interpretarmos o território brasileiro e, especialmente, o Sudoeste paranaense. Um dos objetivos do grupo era realizar pesquisas que pudessem, quiçá, tornarem-se possíveis referências a serem utilizadas no ensino de geografia nas universidades e nas escolas da rede pública de ensino. Pesquisas estas produzidas para serem disponibilizadas, além das escolas, aos movimentos sociais e entidades ligados à formação e a práticas de transformação dos campos e cidades do Sudoeste do Paraná.

Um dos aspectos teóricos valiosos a mencionar é que os estudos feitos no âmbito do GETERR nos auxiliaram substantivamente no exercício de olharmos para o território em que trabalhamos, buscando desvelá-lo em sua “concretude territorial” para extrairmos dele uma análise de sua materialidade (expressa, por exemplo nos elementos econômicos e nas ações políticas), mas também nos elementos simbólicos (imateriais) que concorrem para a sua produção. Para isso, tornava-se imprescindível nos atentarmos à visão da realidade como uma totalidade que envolve tanto elementos materiais (econômicos), quanto os políticos e culturais, tal como ressaltam Haesbaert (2004) e Saquet (2007), dentre outros autores.

Sustentando-nos nessa concepção, dedicamos nosso doutoramento, finalizado no ano 2011, estudando o tema: “Memória(s) e território: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão-PR” (FLÁVIO, 2011). Na pesquisa, evidenciamos que a memória é um elemento simbólico fundamental para interpretarmos a (re)produção do território de uma região/cidade ou campo.

Também brotou dessa concepção nosso interesse em nos aprofundarmos nos aspectos culturais que integram as produções territoriais. Destarte, além de trabalharmos as questões territoriais em disciplinas da graduação em Geografia, tais como Geografia Urbana e Geografia Agrária, nos últimos anos temos atuado também em disciplinas envolvidas com discussões que envolvem os patrimônios identitários e territoriais das cidades e campos; no momento atual, portanto, é grande nosso interesse em estudos/conhecimentos que se ligam aos domínios da “Geografia cultural”.

A partir dessa inserção temática, vale evidenciar, ainda, que é antiga nossa preocupação em estudar as relações entre razão, emoção e produção da vida em suas interações intersubjetivas transcorridas nos territórios e territorialidades humanas. Brotou daí nosso interesse em debater a importância da arte (da música e da poesia, especialmente) nos processos de produção e interpretação dos territórios. Nessa direção, produzimos, desde 2018, alguns artigos abordando o tema. Veja-se, por exemplo, a esse respeito, Flávio (2018). Ou então “Por uma geografia com poesia” (FLÁVIO, 2019). Resumindo a preocupação de nossos estudos desse período, poderíamos assim sintetizar:

A relação homem-terra contempla sentidos de ação, apropriação e recriação da natureza; envolve movimentos físicos, simbólicos, objetivos, subjetivos; contempla o vivido/percebido/imaginado. O espaço é (re)criação biológica, econômica e material, mas também imaterial: envolve sensibilidade política, cultural, estética, da inteligência, da emoção que dialogam com a razão na construção de território, paisagem, lugar, fronteira cotidianamente ressignificados. Neste trabalho evidenciaremos a importância do diálogo da geografia com a poesia (lida e/ou produzida pelos estudantes de geografia) vista como *projeto de iluminação e liberdade*, sendo força poderosa de leitura e intervenção no mundo, contribuindo para enriquecer a análise e as práticas que tocam as formas e conteúdos da vida humana (FLÁVIO, 2019, p. 08).

Nessa esteira de preocupação teórica e metodológica, no ano de 2019 realizamos um pós-doutoramento junto à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco. Durante um semestre, trabalhamos com acadêmicos do mestrado em Desenvolvimento Regional uma disciplina denominada “O sentimento da natureza e das paisagens: a geopoética dos espaços vividos, percebidos, imaginados, (re)criados.” Nas aulas, debatemos os temas: relações entre homens/mulheres, natureza e paisagem como uma “totalidade encantada” envolvendo ciência, cultura e arte. Noções de espaço, território, lugar, região com razão e emoção para compreendermos a produção das paisagens. A percepção e o sentimento da natureza e das paisagens. A linguagem estética/geopoética no sentir/pensar a natureza e as paisagens. Pensar os espaços concretos/vividos de precarização, exclusão social e as possibilidades de (re)criação (transformação) a partir de uma concepção de decolonialidade, liberdade, humanização e resgate de utopias voltadas ao bem viver. Para ativar os debates, utilizamos autores tais como: Benjamin (1975), Silva (1991) Pedras (2004), Huizinga (2000), Luchiarri (2001) Gomes (2001), Saquet (2017), Silva (2016) e Acosta (2016), dentre outros.

À luz das incursões teóricas derivadas de nossos estudos efetivados no pós-doutoramento (mas também oriundos de leituras antigas) mergulhamos em produções envolvendo o ensino de

geografia e a compreensão dos territórios/lugares/regiões através da compreensão da geografia pela via do diálogo com a poesia.

A partir desse interesse temático, propomos e efetivamos junto à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, entre 01/07/2020 a 01/07/2022, o projeto de pesquisa intitulado: “A poesia desnudando geografias: desvendando lugares, territórios, paisagens.”

Dentre outras produções que englobam a elaboração de poemas devotados ao ensino de geografia com poesia, vale citar um importante capítulo de livro. Trata-se do trabalho “Práxis e arte: a geografia lê o dia-a-dia através da poesia”, publicado no livro “Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territoriais” (FLÁVIO, 2022a). Um dos poemas que incluímos nesse artigo, intitulado " De caixas e eixos", de nossa autoria, resume bem as ideias desenvolvidas e que tentamos trabalhar utilizando a poesia para “descolonizar as mentes”

Na caixa e nas faixas em que me deixam entrar
 eu vejo desencaixes em todo lugar.
 Mas tais desencaixes, vale anotar,
 suas clivagens e paisagens se tacham ser bobagens,
 não se vê contemplar. Nos espaços da caixa
 onde me deixam entrada vejo várias estradas
 pelos cantos achados que são considerados
 eixos irregulares. Mas, mesmo encontrados
 por todos os lados, os olhos banais, encegueirados,
 em tais desencaixes não encaixam olhares.
 Na caixa mono-eixo, em todos os lugares,
 eu vejo preconceitos divulgados e pichados
 nos chãos e nos ares contra os eixos-lugares
 considerados multipolares. Tais eixos-lugares
 são, assim, tachados de serem, em tudo,
 mundos irregulares. Assim, tais eixos
 não lineares, os quais se enfeixam
 espiralados, não vejo notados
 pelos olhares que aceitam a caixa
 e tais predicados bem encaixados
 em tais pilares.
 (FLÁVIO, 2022, pp. 116-7)

Ainda pelo GETERR, participei de várias “Jornadas da Questão Agrária”, idealizadas e realizadas por pesquisadores do tema envolvendo universidades no/do estado do Paraná (estaduais e federais). Desde o ano 2021 até o presente representamos o GETERR nas discussões do “Observatório da questão agrária no Paraná”, constituído por diversos pesquisadores das universidades do/no Paraná (UNIOESTE, UFPR, UNESPAR, UFFS, UNICENTRO, IFPR). O “Observatório” tem produzido jornadas de estudos, seminários e cursos de extensão envolvendo o

tema da questão agrária. Dentre outras produções do “Observatório”, a partir de um amplo e exaustivo trabalho coletivo, elaboramos o “Atlas da questão agrária do Paraná”. A obra foi feita a muitas mãos. Reuniu pesquisadores, líderes de entidades e movimentos sociais envolvidos com questões indígenas, quilombolas, faxinalenses, benzedeirias, agroecologia, movimentos históricos pela terra, movimentos contra agrotóxicos etc. O “Atlas” foi finalizado e publicado em papel e em e-book, em 2021 (ver OBSERVATÓRIO DA QUESTÃO AGRÁRIA..., 2021), com os seguintes objetivos:

A construção deste Atlas teve como um de seus objetivos produzir um conjunto de cartografias e gráficos sobre os principais conflitos por meio dos quais a questão agrária se expressa no Paraná (...). Trata-se de analisar os efeitos do desenvolvimento do capitalismo no campo a partir de múltiplas dimensões (econômicas, políticas, ambientais, territoriais etc.) centrando-se em temas específicos que atualizam a questão agrária estadual. A territorialização desses conflitos foi captada através de: 1) produtos cartográficos; 2) dados estatísticos trabalhados a partir de infográficos e tabelas; e, 3) mapas conceituais. Tais ferramentas contribuem para que possamos desvelar as velhas-novas formas por meio das quais o capital se expande no campo paranaense. Para enfrentar o desafio buscou-se realizar experiências de pesquisa e extensão, envolvendo a análise da questão agrária como totalidade por meio de um diálogo intenso com seus protagonistas, o que resultou no destaque de duas perspectivas agregadoras: conflitos pelo acesso/permanência/produção na terra/território e conflitos pela manutenção/garantia/transformação dos modos de vida com forte arraigo territorial. A centralidade dos conflitos (...) nas investigações não decorre de uma escolha aleatória, mas das contradições em curso no estado, cuja opção política histórica pela terra de negócio coloca em disputa duas concepções distintas em relação ao desenvolvimento: uma que se restringe ao rentismo e à dimensão técnica capaz de potencializar os dividendos da atividade agrícola, sem levar em conta a exploração do trabalho e os passivos socioambientais e culturais das práticas intensivas e ou predatórias; e outra, que se propõe mais democrática, tomando as atividades agrícolas como expressão da compatibilidade entre justiça ambiental e social. As implicações socioterritoriais e culturais da primeira, que é hegemônica, podem ser traduzidas nas tensões manifestadas na luta pela terra, nos processos de expropriação/espoliação dos territórios, na existência de trabalho escravo (...), bem como na dilapidação dos bens comuns e de tradições com forte capacidade de enraizamento territorial. No entanto, resistências também estão por ser devidamente compreendidas, registradas e fortalecidas, pois dentre suas manifestações se identifica um leque amplo, que abrange, por exemplo: tentativas de conservação dos territórios tradicionais; luta pela manutenção de modos de vida que não renunciam à autonomia política, à soberania territorial e à justiça ambiental; desconstrução de relações sociais, como o patriarcalismo, com forte presença no campo; produção agrícola de forma saudável, sem agrotóxicos e pela vida, como a agroecologia; e pôr em marcha estratégias educativas identificadas com os sujeitos que defendem um campo vivo e diverso. Diante de um cenário de investidas crescentes (sob a ameaça da expropriação e até da expulsão) a quem anuncia a possibilidade de reprodução fora dos marcos da exploração do trabalho e da natureza e de uma situação de crise civilizatória (social, ambiental, econômica), o Atlas apresenta potencial de elucidação dos limites e possibilidades das diferentes formas de apropriação do território que são visíveis no campo paranaense e que implicam relações diferenciadas com a ideia de desenvolvimento. Nessa perspectiva, entende-se que a questão agrária pressupõe a existência de um problema estrutural no campo, do

qual se destaca a apropriação desigual das terras e o controle do processo de acumulação de capital pelos proprietários fundiários e capitalistas. No Brasil, a concentração da propriedade da terra em um processo de acumulação primitiva, com destruição de biomas e diversos modos de vida, constitui-se no nexo fundante da questão agrária, o que se desdobra em conflitos e lutas sociais diversas no campo. (OBSERVATÓRIO DA QUESTÃO AGRÁRIA NO PARANÁ... 2021, p. 30-1)

Já no período mais próximo, a partir das inquietudes intelectuais brotadas das discussões territoriais acima aventadas, inauguramos também a oferta de uma disciplina na Pós-Graduação em Geografia (UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão) intitulada “Cidade-campo e território: cultura e desenvolvimento”. Nela, durante as aulas, reunimos textos/artigos, vídeos/documentários, poemas vinculados ao debate sobre questões tais como: relações cidade-campo e território sob o capitalismo; identidade, memória, cultura e território: ações e faces de dominação e resistência por parte dos sujeitos dos campos e cidades; patrimônios territoriais urbanos e rurais; cultura como elemento relevante para a geração de estratégias de desenvolvimento das populações etc.

Dentre as maiores contribuições do Geterr para nossa trajetória, destacamos que as pesquisas em que nos inserimos buscam se guiar pela inextricabilidade entre as atividades de pesquisa, ensino e extensão universitária. Além da pesquisa e da atuação na graduação ou pós-graduação, o grupo sempre teve como importante marca a concepção de valorização da realização de projetos de extensão universitária junto às comunidades.

A opção/caminho adotado para as pesquisas do grupo se esforçam na construção de fundamentos teórico-metodológicos capazes de guiar nossas práticas de sala de aula e de extensão universitária. Pautados nessa ideia, nesses anos participamos de múltiplas experiências nas quais (para lembrar Paulo Freire, 2006), esforçamo-nos para atuar na realidade concreta numa relação dialógica com o mundo e a sociedade que nos rodeiam, seja nos trabalhos de ensino aos estudantes universitários, seja no diálogo com as comunidades via projetos de extensão universitária.

Nessa esteira, temos nos esforçado em nos imbuir de práticas nas quais os saberes científicos busquem se desencastelar dos espaços institucionais intramuros e dialoguem com os “saberes do povo” e da comunidade externa à universidade. A extensão universitária, muitas vezes secundarizada no seio de nossas universidades, pode contribuir para transformar as paisagens dos campos e cidades no diálogo com os saberes dos sujeitos e comunidades (SANTOS e FLÁVIO, 2022).

À guisa de tais apontamentos, na sequência relataremos algumas experiências que tivemos no ensino e na extensão universitária oferecidos no âmbito da Universidade Estadual do Oeste do

Paraná. Tais experiências se amarram em grande medida aos nossos aprendizados; são, também, frutos de nossa inserção no GETERR.

Ensino e extensão: experiências vividas

A quê, a quem deve servir o labor, a solução, as “luzes”
que as universidades produzem, senão às demandas
das comunidades, da sociedade?...

A quê e a quem se destinam as produções várias
de ensino, pesquisa e extensão universitária?
Para dar arrimo às práticas que servem ao povo
ou a supostos projetos que do povo não passam perto?
Somente servindo ao povo, às comunidades,
a universidade se habilita, se ratifica com rica contribuição
ao advento de uma sociedade fecunda, mais viva, porque movida,
como a própria universidade, pelas necessidades coletivas...

(“Universidade: para quê? Para quem?” Poema inédito de Luiz Carlos Flávio).

Apresentamos durante o “II Seminário territórios em resistências: pedagogias, diversidades e direitos humanos”, realizado em 2019, na UTFPR, campus de Pato Branco, o trabalho “Ensino, pesquisa e extensão: a poesia e os saberes em ação”. Na ocasião falamos aos presentes sobre projetos de extensão/ensino em que trabalhamos como professor do curso de Geografia da UNIOESTE. O trabalho apresentado se tornou um dos capítulos da obra homônima à denominação do seminário e que pode ser visto em Bernartt, Passos e Flávio (2022).

Os projetos que, oportunamente, apresentamos no evento contribuem para a construção de saberes voltados a mobilizar as comunidades para a efetivação de “territórios em resistência”. Ou seja, buscam praticar pedagogias devotadas à efetivação de direitos humanos e à construção de experiências de desenvolvimento territorial no âmbito da sociedade.

Os projetos, nos quais atuamos e que mencionaremos adiante, são: 1) Projeto “Vida no Bairro”; 2) Projetos “Resgatando Saberes: cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão – PR; e Resgate de um patrimônio cultural: cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR; e o projeto de ensino: 3) Ensino de Geografia com Canção e Poesia. O intuito é apresentarmos as ações efetivadas em cada um desses trabalhos de extensão/ensino desenvolvidos em nossos trabalhos na Unioeste.

A redação aqui posta foi, quase na totalidade (com algumas alterações), extraída do nosso capítulo de livro: “Ensino, pesquisa e extensão: a poesia e os saberes em ação”, cujo texto apresentado nos anais do evento pode ser visto em Flávio (2022b).

“Projeto vida no bairro”

O Projeto Vida no Bairro (PVB), realizado entre os anos 2002 e 2006, se constituiu por um grupo de professores/acadêmicos dos cursos de Geografia, Ciências Econômicas e Direito da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A partir dele, buscamos imprimir ações de extensão universitária que objetivavam contribuir para melhorar *a qualidade de vida* (nos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais) dos moradores de um dos bairros da *periferia pobre* de Francisco Beltrão, denominado bairro São Francisco.

O projeto reuniu entidades/instituições, numa organização popular em torno do objetivo mencionado. Além da universidade, participaram das ações entidades tais como: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão; Sindicato dos Empregados no Comércio; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria e Vestuário; Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Rodoviário; Sindicato dos Engenheiros; Sindicato dos Trabalhadores da Saúde; União Brasileira de Estudantes Secundaristas; Associação dos Professores do Estado do Paraná (APP); representantes das Igrejas: Católica e Assembleia de Deus; Pastoral da Criança; Grupo da Terceira Idade; Grupos de Jovens e do Clube de Mães do bairro. Contamos, em especial, com a atuação da Associação de Moradores do bairro São Francisco, cujos integrantes se puseram como agentes fundamentais no processo de constituição e concretização do Projeto Vida no Bairro (PVB).

O método utilizado no projeto pode ser resumido em:

- a) Reflexão permanente através de assembleias, reuniões em que se buscava identificar os problemas do bairro;
- b) Mobilizar os atores participantes em trabalhos/ações coletivas (organizando equipes) a fim de decidir/definir/deliberar passos/caminhos/ações voltados ao objetivo do projeto;
- c) Articular junto ao poder público reivindicações de melhorias a serem efetivadas no bairro;
- d) Reavaliação de estratégias e ações.

A partir da identificação dos problemas existentes no bairro (pelos seus moradores), os integrantes do projeto atuavam para alcançar soluções junto ao poder público, mas também junto a empresas. Dentre as conquistas estão:

- a) Aprimoramento de itinerário/horários do transporte coletivo no bairro;
- b) Regularização da coleta do lixo no bairro;
- c) Identificação (a qual inexistia) das ruas, de modo a colocar o bairro no mapa da cidade; além disso, reivindicamos à prefeitura que realizasse a numeração das residências (as quais também inexistiam);

- d) Mobilizar, junto com a Associação de Moradores, a construção de um prédio/pavilhão onde os moradores pudessem se reunir, fazer festas, celebrações etc;
 - e) Pleitear um terreno para a Associação dos Moradores junto à Prefeitura;
 - f) Atuar e efetivar eventos culturais para os moradores do bairro (foi adquirida uma TV de 29 polegadas (à época, um grande avanço); e com ela, então, possibilitamos o surgimento do “cinema no bairro”);
 - g) Fortalecimento/divulgação de festas comunitárias no bairro;
 - h) Apoio à organização de um Grupo de Idosos no bairro (rodas de conversa sobre o bairro, resgate de memórias etc.);
 - i) Realização de vários cursos: 1) Violão; 2) Pintura em tecido; 3) Artesanato; 4) Computação; 5) Produção de produtos de limpeza. 6) Manipulação de alimentos;
 - j) Realização de um programa na Rádio Comunitária Anawin, em que se debatiam os problemas do bairro;
 - k) Confecção do livro “Cidade, organização popular e desenvolvimento: a experiência do PVB” (ver PACÍFICO, SAQUET e FLÁVIO, 2005);
 - l) Participação de lideranças do bairro em Encontros de pesquisa e extensão.
- Apesar de várias dificuldades, o envolvimento das entidades/moradores no projeto garantiu importantes conquistas para o bairro.

Projetos: “Resgatando saberes: cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão – PR”; e “Resgate de um patrimônio cultural: cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR.”

Ambos os projetos foram desenvolvidos como atividades de extensão da UNIOESTE, no bairro Padre Ulrico, situado na periferia pobre de Francisco Beltrão: o primeiro, entre 2015 e 2016; e, o segundo, foi iniciado em 2017 e finalizado em 2019.

Ambos os projetos foram elaborados a partir de uma continuidade temática, em termos de objetivos e metodologia de trabalho. Concorreram (e foram contemplados) em diferentes editais públicos para adquirir recursos voltados às realizações dos trabalhos propostos. O projeto “Resgatando saberes...” foi inscrito no Edital 07/2014 – SETI/Universidade Sem Fronteiras (estado do Paraná); O projeto “Resgate de um patrimônio cultural”, com financiamento do governo federal, participou do Edital 02/2017 - MEC-SESu. De todo modo, ambos se constituíram no período de suas vigências no nosso “Projeto das Plantas medicinais no bairro Padre Ulrico”, o qual

continua vigente até hoje (2023), vinculado a um outro grande projeto de extensão (do qual também participamos) coordenado pela professora Roselí Alves dos Santos, denominado: “Coletivo de mulheres do campo e da cidade”.

O bairro em questão conta com população oriunda, em grande medida, do espaço rural. E tal população é depositária do patrimônio cultural referente aos saberes sobre plantas medicinais. Mas tais saberes vêm se perdendo, face à atuação da medicina industrial mercantil e ao envelhecimento/morte de idosos, cujo processo tem conduzido a um rompimento na transmissão dos saberes entre os velhos e os jovens.

Assim, o projeto reuniu conhecimentos voltados a ações de resgate, preservação e valorização de tais saberes. Propiciou a realização de cursos de cultivo (hortas caseiras e/ou coletivas) em que a população aprende a cultivar e a utilizar plantas medicinais. Para isso, reuniu, além da universidade, instituições tais como: Pastorais de Igreja, Associação de Moradores, Escolas, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), Coletivo de Mulheres Agricultoras de Francisco Beltrão, Prefeitura, Associação Marrecas do Bem-Estar ao Menor (AMARBEM – a qual é atualmente denominada CIMMAD – Centro de Integração Madre Maria Domênica).

No contexto do projeto se efetivaram (e continuam a ainda serem realizadas) diversas ações, tais como:

a) Mapeamento das plantas medicinais já existentes/utilizadas no bairro, e que já são avalizadas pelo Ministério da Saúde e pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

b) Organização de vasta pesquisa bibliográfica do tema, para contribuir e potencializar o debate público sobre a questão;

c) Realização de diversos intercâmbios: com o “Refúgio biológico” da Itaipu binacional (Foz do Iguaçu); com o Instituto Popular Yanten de Medianeira; com a Universidade Paranaense de Umuarama (Horto Universitário), Cooperativa de Plantas Medicinais de Vera Cruz do Oeste; participação anual das Festas das Sementes Regionais. Todos estes intercâmbios fitaram conhecer experiências com produção e uso ou mesmo comercialização de plantas medicinais;

d) Efetivação de debates públicos em rádios/jornais sobre a discussão do tema;

e) Realização de diversos cursos de formação e conhecimento sobre: cultivo e uso das plantas medicinais; sobre métodos/receitas de produção de remédios (pomadas, chás, emplastos, tinturas etc.); e, ainda, sobre o uso de plantas medicinais na culinária (frutas, verduras, condimentos etc.), efetivados por nutricionistas; e cursos de aromaterapia, todos voltados à saúde coletiva. Os cursos (oferecidos por profissionais com formação na área, tais como Farmácia;

Agronomia, Nutrição, Terapia etc.) foram dirigidos aos moradores do bairro, estudantes/professores e à população em geral;

f) Envolvimento da Escola Estadual Leo Flach, oferecendo cursos sobre plantas medicinais aos alunos de 6º e 7º anos;

g) Evocou o envolvimento dos moradores e acadêmicos da UNIOESTE (como integrantes do projeto ou voluntários) na construção de uma horta medicinal inicialmente no Parque Irmão Cirilo de Francisco Beltrão; e de outra horta medicinal, atualmente, na Associação Marrecas do Bem-Estar ao Menor (a antiga Ong denominada AMARBEM, hoje CIMMAD). Neste último espaço, além de um vasto acervo de plantas medicinais, os moradores também aderiram à produção de hortaliças voltadas ao consumo próprio e a um incipiente comércio para melhorar a renda das famílias integrantes do projeto;

h) A adesão à produção de hortaliças se efetivou depois que o projeto levou os moradores do bairro a Maringá, para conhecerem a experiência de dezenas de hortas comunitárias lá existentes.

i) Participação na realização de um “Seminário Temático sobre Plantas Medicinais, Medicinas Alternativas e Práticas Integrativas em Saúde”;

j) Realização de feiras de doação/troca de mudas de plantas medicinais;

k) Elaboração/produção de dois livros: “Resgatando Saberes: cultivo e uso das plantas medicinais: uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão – PR” (FLÁVIO et al, 2016); e “Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural” (FLÁVIO e SANTOS, 2018). O objetivo de tais produções foi divulgar as ações do projeto. E fazer o debate teórico (baseado nas pesquisas empíricas e em dados da Anvisa/Ministério da Saúde e de bibliografias especializadas) e também prático, utilizando as pesquisas feitas no bairro, abordando os saberes populares e científicos sobre o cultivo e uso das plantas medicinais.

De nossa atuação nos referidos projetos elaboramos vários artigos/publicações, além das acima mencionadas, tais como: SANTOS et al (2017); SANTOS e FLÁVIO (2017); FLÁVIO e SANTOS (2018); FLÁVIO e SILVA (2018); SCHMITZ et al (2018); VICENTE, FERRARI e FLÁVIO (2018); SANTOS e FLÁVIO (2022).

Ensino de geografia com canção e poesia: relatos de uma experiência docente

Outra experiência por nós vivenciada se ateve ao trabalho que realizamos ligado ao ensino de geografia utilizando canções e poesia nas aulas, cujas experiências temos apresentado em palestras ofertadas junto a escolas de Francisco Beltrão e alhures.

Há anos usamos e produzimos canções/poemas voltados ao ensino de geografia. Como resultado disso, produzimos o CD “Tramas da Geografia” (Flávio, 2008b); e publicamos o livro “Geografia em poesias: tempos, espaços, pensamentos...” (Flávio, 2008a). Ademais, temos um livro produzido que pretendemos publicar futuramente, denominado: “A geografia virou poesia – e deu alma à sala de aula”... Também trabalhamos tais temas em aulas de formação de professores junto ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE); em orientações de estágio realizados no curso de Licenciatura em Geografia da UNIOESTE de Francisco Beltrão; em palestras oferecidas em escolas; e na disciplina “Geografia em canção e poesia”, oferecida nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, no ano 2018.

O ponto essencial dessa experiência foi mobilizar práticas de ensino (escolar e universitário) que inspirem a construção de novas metodologias de ensino de geografia buscando ir além do ensino mnemônico, reprodutivista. Objetivamos criar nos estudantes um pensamento próprio, crítico, perceptivo, inventivo acerca da realidade. Assim, buscamos abrir novas possibilidades: *romper com a pedagogia bancária; envolver os estudantes em processos de ensino-aprendizagem com prazer em aprender.*

Em tal processo, eles (estudantes) participam da construção dos conhecimentos, uma vez que também são convidados a produzirem poemas/canções a partir de suas experiências vividas em seu cotidiano envolvendo temas de geografia. Para tanto, nós buscamos dar o exemplo de como produzir poemas.

A seguir, demonstro um dos poemas por nós produzidos:

A geografia é ativa e apraz quando se faz viva poesia, provocativa no indagar o pensar, olhar, agir sobre o mundo e derredor, buscando um sentido maior que abre a mente, e faz ver fundo: o que mente, o formal e o indecente... A reflexão que se quer agregar fala da geografia que desoculta (aos olhos) tempos, espaços, territórios e paisagens abruptas, perdidas, roubadas, regradas, iludidas... Quer falar do profícuo e profundo galgar da ávida filosofia que abre as cortinas da vida em seu complexo deslizar... Nossa reflexão quer ser semente que planta outros dias em que as gentes terão o pão num mundo de mais valia: não a mais-valia que rouba sonhos, alegrias e produções, mas a mais valia da vida regada e saciada com o pão sagrado da educação. Geografia em poesias quer plantar reflexão pra repensar as correntes míopes ou cegas. E se encarrega de cultivos bem fecundos pra fazer (re)ver os mundos pelo crivo profundo de outras lentes. Quer plantar conhecimentos de olhares contundentes capazes de tecer, de repente, outras vigas, outras bases de vidas decentes pras gentes.
 (“Poesia ativa: o pão da educação”!, poema extraído de FLÁVIO, 2008a, pp. 68-70).

Vale observar que atuamos em duas frentes: valorizamos a poesia produzida por poetas clássicos/populares. Utilizamos, por exemplo, o poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar (citado por MELO, 2005, p. 05) para debater problemas socioespaciais vividos pelas populações:

O preço do feijão não cabe no poema. O preço do arroz não cabe no poema. Não cabem no poema o gás, a luz, o telefone, a sonegação do leite, da carne, do açúcar, do pão. O funcionário público não cabe no poema com seu salário de fome, sua vida fechada em arquivos. Como não cabem no poema o operário que esmerila seu dia de aço e carvão nas oficinas escuras - porque o poema, senhores está fechado: “não há vagas”. Só cabem no poema o homem sem estômago a mulher de nuvens a fruta sem preço. O poema senhores, não fede nem cheira.

Um outro exemplo de poema utilizado para debater temas geográficos é: “O bicho”, de Manuel Bandeira (citado por SÁ, LINS, TAVARES, 2014, p. 75):

Vi ontem um bicho na imundície do pátio catando comida entre os detritos. Quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade. O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem!

A partir dos poemas, evidenciamos a vida sofrida do povo pobre/trabalhador que passa por dificuldades e por situações de fome, miséria etc.

Num segundo momento do trabalho de “geografia com poesia”, instigamos os estudantes a que eles mesmos produzam poemas: seja pela via da paródia de canções existentes, seja pela via do poema autoral... Esta é uma das partes mais ricas da experiência: a produção de poemas/canções pelos próprios estudantes, cujas letras nos permitem dialogar com os conceitos da geografia. Uma das paródias produzidas por um acadêmico se reportou à letra/canção “Malandragem”, cantada por Cássia Heller. O poema-paródia, produzido pelo acadêmico Rafael Ghedin, ficou com essa provocante letra:

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha surgindo como uma nova ciência, sozinha. Cansada com os meus vários conceitos, discutindo alto pelos cantos por ser uma ciência só. Quem sabe o Humboldt virou um chato que vive dando no meu saco. Quem sabe a vida é variar. Eu só peço a Marx um pouco de criticidade, pois sou criança e não conheço a verdade. Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar.
Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar. Bobeira é não viver a variedade. E eu ainda tenho o mundo inteiro. Eu vivo nas mentes como um moleque no espaço, território e lugar. Dirijo o meu carro, tomo o meu pileque. E ainda tenho tempo pra inventar, pra pensar.
Eu só peço a Marx um pouco de criticidade, pois sou criança e não conheço a verdade. Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar.

Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar. Bobeira é não viver a variedade. Eu ando no mundo, eu dou um xequê: paisagem, região, sem parar. Entendo o tempo, eu abro o leque: humanística, teórica e tudo mais, tudo mais. Eu só peço a Marx um pouco de criticidade, pois sou criança e não conheço a verdade. Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar.
Eu sou um geógrafo e não aprendi a olhar. Bobeira é não viver a variedade.

O acadêmico Ronei da Silva Zefino também produziu um poema autoral interessante, o qual se intitula “Estrelas da geografia”:

Eu vivo aqui, eu vivo lá.
Eu vejo a geografia em todo lugar.
Que vontade me dá de estudar e de cantar.
E pra minha turma apresentar
que a geografia está em todo lugar:
em nosso olhar e em nosso andar,
as estrelas ela pode nos apresentar.
Cada signo que está ao nosso olhar (...)
pode nos apresentar o que os astros estão a nos contar:
que a geografia é a matéria mais espetacular
para se aprender a amar.

Em outra experiência, que apresentamos em Flávio (2022c), trabalhamos geografia com poesia na orientação da atividade de estágio da acadêmica Daniela Matei. Ela utilizou a poesia como metodologia de ensino de geografia para os 6º e 7º anos do Colégio Estadual Arnaldo Busato - Verê/PR nos anos 2016/2017. A acadêmica instigou que os estudantes produzissem poemas com temas tais como: água, poluição e reciclagem. Isso a partir de poemas geradores ligados às temáticas que lhes foram apresentadas. Sugeriu-lhes produzirem poemas ou paródias de canções conhecidas. Daí emergiram poemas fantásticos produzidos pelas crianças, a exemplo dos abaixo arrolados:

A água solta pelas matas, rios e cachoeiras, mata a sede de muita gente. Banha nossos mares, solta pelos ares. Será que não vou mais tê-la? Será que vou perdê-la? Por muita gente que não sabe usá-la, vão passar sede, por não aproveitá-la. (“A água”: de Vanessa e Andressa).

Poluir a água é um problema cultural e ambiental. Poluiu, agora toma, vamos vê se vai gostar. Carinha, não adianta reclamar. Com o sol ela se aquece, evapora, sobe e desce. Lá no céu se envesce, já tá pronta pra cair. Há, há, hahaha, agora vai chover, vai chover, vai chover. (Água vai chover. Paródia da música “Agora vai sentar”: de Vanessa Flach, Jacqueline Zanella, Janice Savoldi).

A água que tomamos é um bem que não cuidamos. Pois ela pode acabar rápido e o planeta ficará em péssimo estado. Todos os rios contaminados. E nós somos os culpados. Jogamos lixo nos rios, pois somos sedentários, porque se tivesse uma

lixeira perto, faríamos o certo. Enchentes e alagamentos, nós somos culpados nesses momentos. A cada gota que gastamos, mais nós necessitamos. E quando a água acabar, nós vamos nos odiar, por não termos pensado que ela poderia ter acabado e ter nosso destino selado com o mundo todo aniquilado. (“A água”: de Bernardo Smaniotto, Eduardo Téclio, Victor Mattana).

Água, como falar de você? Água doce ou salgada, sabemos que tem. Água de riacho, água do copo. Água corrente, água do rio. Água nascente, água fervente, água dá vida, água congela no frio. Na terra tem vertentes. No Oceano tem afluentes. Na casa tem torneira. Na torneira há goteira. Desperdício? Devemos parar. Pois a água não vai durar. Muito tempo com essas maneiras de águas jorradas pelas mangueiras, lavando calçadas e vidraças. Gotas em gotas, enchem um mar. E há muita gente a se descuidar. Horas e horas no chuveiro, sem nem pensar que a água pode acabar, sem dar tempo para pensar. (“Água é vida”: de Juliana Schimitz).

Eu abro a porta e pego a lixeira pra jogar. Separo o lixo para poder reciclar. Eu junto lata, vidro e muito papelão. O problema é que o lixo não tem separação. Ligo pros amigos, pros vizinhos pra irmã. “E aí, me ajudem” - até domingo de manhã. Vamos pegar sacolas, vassouradas e todo jeito, juntando todo o lixo, ajudando até o prefeito. Tô reciclando todo o lixo. 99% lixo jogado. Mas aquele 1% é que é imundo. Mas aquele 1% é que é imundo. Esse cheiro ninguém gosta, esse mau cheiro. (Paródia da música “Aquele 1%” de Marcos e Belutti: produzida por Leandra da Silva, Lucas Azzolini e Edenilson Ribeiro).

Essa poluição é terrorista, é especialista. Olha o que ela faz no mar com as vidas. Essa poluição é terrorista, é especialista. Olha o que ela faz no mar com as vidas. Olha o que ela faz no mar com as vidas. É muito explosiva. Não mexe com ela não. É muito explosiva. Não mexe com ela não. Olha a poluição. Quando ela bate com o petróleo no mar, quando ela mexe com o nível do mar. Quando ela joga lixo no mar, quando ela joga lixo no mar, essa poluição é terrorista, é especialista. Olha o que ela faz no mar com as vidas. Essa poluição é terrorista, é especialista. Olha o que ela faz no mar com as vidas. (“Olha a poluição”: de Fabiana, Jacqueline e Rafaela).

A quem queira conhecer mais detalhes sobre outros trabalhos envolvendo as temáticas por nós trabalhadas, sugerimos visitar nossas publicações vistas nas referências deste artigo.

Considerações finais

Tal qual se pode concluir com a síntese de nossa trajetória, nossa incorporação no GETERR acolheu uma contribuição bastante ampla para nossa formação. Ela foi, portanto, agregadora e enriquecedora de saberes, conhecimentos e experiências ligadas à pesquisa, ao ensino e à extensão universitária. Muito do que somos, em termos profissionais e do que buscamos praticar em nosso trabalho (de ensino, pesquisa e extensão), devemos, em grande medida, aos

importantes aprendizados colhidos/construídos em nossa interação com o coletivo do Grupo de Estudos Territoriais.

As experiências de aprofundamento teórico e metodológico que o GETERR tem nos proporcionado por todos esses anos contribuíram substantivamente oferecendo-nos ferramentas conceituais de fundamental importância para melhor compreendermos e ensinarmos o tema do território em suas expressões materiais e simbólico-culturais. As ferramentas mencionadas nos amparam no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, de vez que nos auxiliam num trabalho que tenta ser criativo e operativo, como ensina Dematteis (2007b). Ou seja, buscando compreender os territórios materiais, políticos e culturais da vida cotidiana para neles (territórios) melhor criarmos formas práticas de ação. Dentre as formas de ação estão, por exemplo, a proposição de políticas públicas; a elaboração e efetivação de projetos voltados ao desenvolvimento socioespacial, econômico, político, cultural; a efetivação de projetos vinculados a ações de: saúde, agroecologia, zelo dos ambientes; e à busca efetiva de soluções para problemas urbanos e agrários que afetam as populações.

Os aprendizados erigidos a partir das atividades coletivas do GETERR nos instigam a enredarmos práticas e práxis que se almejam transformadoras das realidades nas quais nos inserimos, das quais fazemos parte. Tais aprendizados nos provocam a buscarmos constantemente sermos sujeitos de novos tempos-espacos-territórios-lugares-paisagens devotados ao bem viver das comunidades.

As universidades, aliás, podem e devem dar sua cota de participação na busca de ações (de práxis) que ajudem a melhorar a vida de nosso povo.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa**: o sudoeste paranaense. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Tempo brasileiro: Rio de Janeiro. 1975.

BERNARTT, Maria de Lourdes, PASSOS Aruanã, Antonio dos, FLÁVIO Luiz Carlos. **Territórios em resistência**: diversidades, pedagogias e direitos humanos. Pato Branco: Imprepel, 2022.

BONETTI, Lindomar Wessler. **A exclusão social dos caboclos do sudoeste do Paraná**. Assesoar, mimeo, 1997.

_____. Formação e apropriação do espaço territorial do sudoeste do Paraná. In: Alves, Adilson F., Flávio, Luiz C., Santos, Roseli A. dos. **Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento**. Francisco Beltrão: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, p. 109-124, 2005.

BOZZANO, H. (dir.) et al. **Inteligencia territorial**. Teoría, métodos e iniciativas en Europa y América latina. La Plata: Edulp, 2012.

CASTRO, Cláudio Eduardo de et al. **Geografias Fora do Eixo: por outras Geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, v. 1, 2022.

DOURADO, Wesley Adriano Martins. **Considerações filosófico-poéticas sobre o corpo, cotidiano e educação: um tributo a Adélia Prado (Tese)**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

DEMATTEIS, Giuseppe. O território: uma oportunidade para repensar a geografia. In: SAQUET, **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007b.

_____. Território, desenvolvimento local e sustentabilidade. In: **III Seminário de Estudos Territoriais**, Francisco Beltrão: Unioeste-Geterr, 29.05.2007, 2007a.

FERES, João Bosco Feres. **Propriedade da terra: opressa e miséria**. Amsterdam, Latin American Research, n. 56, s/d.

FERRIOLO, Massimo. **Etiche del paesaggio: il progetto del mondo umano**. Roma: Riuniti, 2002.

FLÁVIO, Luiz Carlos. Poesia na aula: de geografias tecidas com a alma. In: **4º Seminário Internacional de Educação e 25ª Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia: 25 anos de história**. Francisco Beltrão: 08 a 11 de Agosto, 2022c.

_____. “Ensino, pesquisa e extensão: a poesia e os saberes em ação”. In: BERNARTT, Maria de Lourdes, PASSOS Aruanã, Antonio dos, FLÁVIO Luiz Carlos. **Territórios em resistência: diversidades, pedagogias e direitos humanos**. Pato Branco: Imprepel, 2022b.

_____. Práxis e arte: a geografia lê o dia-a-dia através da poesia. In: Claudio Eduardo de Castro et al. **Geografias fora do eixo: por outras Geografias feitas com práxis territoriais**, Londrina, v. 1, 2022a.

_____. Por uma geografia com poesia. **Revista GeoUece** – vol. 8, n. 15, jul./dez. de 2019, pp. 08-22.

_____. Por Uma Geografia Poética. In: **II Seminário Internacional de Educação**. e XXII Semana Acadêmica da Pedagogia - A educação básica na atualidade: desafios e perspectivas no contexto da Base Nacional Comum Curricular-BNCC?, 2018, Francisco Beltrão. Anais do II Seminário Internacional de Educação e da XXII Semana Acadêmica de Pedagogia, 2018. p. 226-240.

_____. **Memória(s) e território: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão/PR**. Tese de doutorado. Presidente Prudente: Unesp, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011.

_____. **CD Tramas da geografia**. 2008b.

_____. **Geografia em poesias: tempos, espaços, pensamentos.** 1a. ed. Francisco Beltrão: Grafisul, 2008a.

FLÁVIO, Luiz Carlos, SANTOS, Roselí Alves dos. **Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural.** Francisco Beltrão: Grafisul, 2018.

FLÁVIO, Luiz Carlos, SILVA, Luiz Carlos da. Projeto “resgatando saberes o cultivo e uso de plantas medicinais no bairro Padre Ulrico em Francisco Beltrão-Pr: uma experiência de resgate do patrimônio cultural. **Revista Orbis Latina**, vol.7, nº 3, Foz do Iguaçu, ed. Especial, julho de 2017.

FLÁVIO, Luiz Carlos. et al. **Resgatando saberes: Cultivo e uso de plantas medicinais, uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR.** Francisco Beltrão: Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Edvânia T. Aguiar. Natureza e Cultura – representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Orgs). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 49-70.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, Alexandre Domingues, SPOSITO, Eliseu Savério, SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. pp. 37-66.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre Domingues, SPOSITO, Eliseu Savério, SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, pp. 87-119.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

MELO, Cimara Valim de. A resistência poética de Ferreira Gullar. In: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. **Dossiê: a literatura em tempos de repressão.** PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, Vol. 01, nº. 01, jul/dez de 2005, pp. 01-09.

OBSERVATÓRIO DA QUESTÃO AGRÁRIA NO PARANÁ (org). **Atlas da questão agrária no Paraná: diálogos em construção.** Naviraí, MS: Ipuvaíva, 2021.

PACÍFICO, Jucelí, FLÁVIO, Luiz Carlos; SAQUET, Marcos. **Cidade, organização popular e desenvolvimento: a experiência do projeto vida no bairro.** Francisco Beltrão, PR: Unioeste, 2005.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos, SPOSITO, Eliseu Savério. **Território e territorialidade: teoria, processo, conflitos.** São Paulo: Expressão Popular/Unesp-Programa de Pós-Graduação em Geografia, pp. 17-36, 2009.

_____. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SÁ Angélica Melo de, LINS Maria Alcina Terto de, TAVARES Marcelo Góes. “O bicho homem”: dimensões socioeconômicas da fome na sociedade capitalista. **Ciências humanas e sociais**, Maceió, v. 2, n.2, nov. de 2014, p. 73-90.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

_____. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Roselí dos Santos et al. Mulheres agricultoras e urbanas na produção e consumo de plantas medicinais – resgate de saberes. **Geographia Opportuno Tempore**. 2017, pp. 114-124.

SANTOS, Roseli Alves dos, FLÁVIO Luiz Carlos. Preservando os saberes, memórias e paisagens referentes às plantas medicinais: a experiência dos projetos de extensão universitária da Unioeste de Francisco Beltrão (PR). In: **Paisagem e espaço rural**. MARAFON, Glaucio José, DAVID Cesar de (orgs). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022, pp. 51-170.

_____. Movimentos e projetos de resgate dos saberes sobre as plantas medicinais no campo e na cidade em Francisco Beltrão/PR (Brasil). In: SAQUET, Marcos Aurélio e ALVES, Adilson Francelino (orgs). **Processos de cooperação e solidariedade na América Latina**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, pp. 345-366.

SCHMITZ, Aline Motter et al. Resgatando saberes: trabalhando com plantas medicinais no colégio Estadual Léo Flach. In: FLÁVIO, Luiz Carlos, SANTOS, Roselí Alves dos. **Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural**. Francisco Beltrão: Grafisul, 2018, pp. 95-109.

SPOSITO, Eliseu Savério. “Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do Sudoeste do Paraná”. In: RIBAS, Alexandre Domingues, SPOSITO, Eliseu Savério, SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, pp. 15-36.

SILVA, Márcia A. S. da. Por uma geografia das emoções. **GEographia**, ano 18, n. 38, 2016.

SILVA, Armando Corrêa da. Perspectivas recentes: dimensão psicofenomenológica. In: SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991. pp. 46-61.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A cultura na esteira do tempo. **São Paulo em perspectiva**. Fundação Seade, v. 15, n. 3, p. 102-112, 2001.

VICENTE, André Luiz, FERRARI, Ana Paula, FLÁVIO, Luiz Carlos. As políticas públicas e o resgate do patrimônio das plantas medicinais em Francisco Beltrão-PR. In: FLÁVIO, Luiz Carlos, SANTOS, Roselí A. dos. **Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural**. Francisco Beltrão: Grafisul, 2018, pp. 111-124.